

O HOMEM LUPINO EM O LIVRO DOS LOBOS, DE RUBENS FIGUEIREDO.

LUÍS PAULO FIÚZA MARQUES¹

Resumo: A lenda do homem lobo já fora inúmeras vezes representada na literatura. Histórias como a do lobisomem e a do menino que fora criado por lobos (Mogli) fomentam, no imaginário popular, a possível relação entre homens e lobos. A partir daí, Rubens Figueiredo, no conto “Alguém dorme nas cavernas”, que compõe a coletânea de “O livro dos lobos” (2009), aborda novamente essa temática por meio do narrador-personagem Simão, que após conhecer Gregório e ter acesso a determinadas literaturas começa a se comportar como um lobo, na medida em que passa a interagir com estes animais. Tal apresentação narrativa, considerada insólita, gera hesitação na interpretação do conto fantástico.

Palavras-chave: O homem lobo, identidade, fantástico.

1. Considerações iniciais

1.1 Rubens Figueiredo

O autor carioca, Rubens Figueiredo, é muito flexível no que diz respeito a sua produção literária, que muito se destaca no cenário nacional. No início de sua carreira como escritor, optou pelo romance policial como gênero literário para a constituição de suas primeiras obras. A primeira delas é *O mistério da samambaia bailarina*, de 1986. Em seguida, escreveu mais dois livros nesse mesmo seguimento literário: *Essa maldita farinha*, de 1987 e *A festa do milênio*, de 1990.

Após essas publicações, Rubens Figueiredo renovou a sua produção literária por meio da edição de uma obra de viés fantástico. Publicada a primeira versão em 1994, *O livro dos lobos* é um dos maiores expoentes da literatura do autor, não apenas devido à mudança de gênero literário, mas também pela maneira como se constitui o insólito nesta coletânea de contos. Em 2009, o autor reeditou a sua coletânea a fim de fazer

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo. Trabalho realizado com o apoio de Mackpesquisa.
Contato: lispfm@hotmail.com

algumas mudanças no campo linguístico, as quais auxiliaram para a constituição do estranhamento nos textos.

Rubens Figueiredo ficou mais conhecido entre os escritores contemporâneos brasileiros quando ganhou os dois prêmios Jabuti de literatura. O primeiro prêmio foi em 1999, com a obra *Palavras Secretas*, destaque de melhor livro de contos daquele ano. O segundo, por sua vez, foi em 2002 com a obra *Barco a seco*, desta vez a premiação foi na categoria romance.

1.2 O livro dos lobos.

O Livro dos Lobos, é a coletânea de contos que marca a produção literária de Rubens Figueiredo, na medida em que o autor passa a escrever com uma abordagem metalinguística. Esta obra é composta de sete contos que abordam a temática do insólito.

A primeira problemática do livro está no título da obra como já mencionara Marcelo de Souza Pereira, doravante Pereira, em tese defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2010. Seria, pois, um livro que trata a respeito dos lobos ou que pertence aos lobos?

Esse é o primeiro questionamento que se pode fazer em relação a esta obra e que tem inúmeros outros pontos que poderiam ser tratados neste trabalho. Contudo, o objetivo deste estudo é verificar o comportamento insólito de Simão, narrador-personagem do conto “Alguém dorme nas cavernas” e como tal ação projeta a instauração do insólito na narrativa.

2. Alguém dorme nas cavernas

Simão fora matriculado pela família quando tinha 8 anos na “Casa”, termo usado pela personagem para se dirigir ao local onde mora com alguns colegas. O lugar, espécie de um seminário/escola, abriga jovens, e fica no meio de uma floresta distante da civilização. Na região havia uma alcateia de lobos e, alguns deles, se achegaram a

Casa a fim de encontrar comida. Segundo Estevão, espécie de coordenador da escola religiosa, os animais chegaram por volta de 10 anos e, praticamente, já fazem parte da vida das pessoas que moram e frequentam a Casa (Figueiredo, 2009, p. 24).

Ao que parece, Simão fora matriculado na Casa pelo seu mau comportamento, por ser um menino muito difícil de lidar, nas palavras do próprio narrador:

Era um menino selvagem, um ouriço que se cercava de espinhos a troco de nada. Disciplina e carinho, deveres e atenção, tudo irritava meu orgulho enorme. Dizia crueldades até para os professores de quem mais gostava. Exasperava a todos com meus longos ataques de asma, tremores violentos, desmaios. Mentia a respeito de tudo, coisas graves ou ninharias. Dava gritos esganiçados, fechava os olhos e tapava os ouvidos se alguém me flagrasse numa mentira. Em desespero, eu defendia alguma coisa em mim, mantinha os outros longe. (FIGUEIREDO, 2009, p. 27)

De certa maneira, Simão é abandonado pela família na Casa, uma vez que no conto não há nenhuma referência que recebia visitas ou até mesmo que a própria personagem entrasse contato com seus familiares e amigos. Esse é o primeiro fato que se pode considerar em relação ao comportamento de Simão no decorrer da história.

Outro fato que chama atenção é o isolamento não apenas do convívio familiar, mas também a falta de habilidade em fazer amigos na Casa, visto que não há indícios de amizade entre Simão e os demais meninos que moram no local.

Além do abandono, a chegada dos lobos a Casa é determinante para o novo modo de ser do narrador, que passa a se aproximar dos animais a fim de conhecê-los melhor. A questão é que quando Simão os procura e tenta conviver com eles, vai adquirindo os hábitos dos animais.

O próprio corpo da personagem, segundo Sílvia Regina Pinto, representa o universo que está vivendo. De acordo com a autora “o corpo, que pode ser mais ou menos habitado e até ser objeto de múltipla e híbrida ocupação, surge como modelo de representação do universo” (PINTO, 2007, p 92). É como se o próprio corpo de Simão fosse, aos poucos, metamorfoseando-se em lobo.

Quem percebe o comportamento estranho de Simão e tenta ajudá-lo é Gregório. Esta personagem habitava a Casa há muitos anos e tinha como função cuidar e organizar a biblioteca do local. Dessa forma, convocou Simão para trabalhar com ele a fim de

auxiliá-lo e talvez fazer com que este entendesse a sua própria identidade, “Gregório quem descobriu ou pelo menos desconfiou de alguma coisa em mim e me enxertou com cuidado no corpo da biblioteca” (Figueiredo, 2000, p. 27).

Segundo Simão, os colegas de Casa apoiaram a ideia de ele trabalhar na biblioteca, visto que “não sabiam o que fazer comigo, onde me enfiar. E afinal, justificavam-se, me deixar na biblioteca não chegava a ser o mesmo que pôr um bicho numa jaula” (Figueiredo, 2000, p. 27). De fato, Simão tinha dificuldades em se relacionar com as pessoas, talvez por isso fora deixado pelo família e pelos colegas de Casa. A solidão era a sua maior companhia.

Frequentando a biblioteca, Simão foi influenciado por diversas leituras que Gregório havia indicado, na sua grande maioria lendas sobre lobos ou histórias de humanos que se tornaram animais ou que interagem com eles. Ao que parece, Simão passa a se interessar pelos lobos e conviver com os mesmos, já que durante as noites, após eles serem alimentados por Estevão, Simão ficava com animais atrás da Casa:

Os lobos começaram a demorar um pouco mais comigo, começaram a andar um pouco à minha volta, às vezes sentavam-se ali para acabar de chupar um osso [...] devo ter ficado pelo menos um ano sem me mexer, plantado no fundo do jardim, noite após noite. Ninguém na Casa sabia disso. Com Estevão, os lobos eram um espetáculo. Comigo, a convivência era diferente. Não havia proveito, não havia interesse. Não sei o que havia (Figueiredo, 2009, p. 33).

Assim como exposto anteriormente, Simão tinha uma dificuldade de convivência muito grande e encontra nos lobos, talvez, a sua primeira interação com o outro, de maneira que a sua própria identidade torna-se uma fusão entre um ser humano e um lobo. Tal fato se agrava quando Gregório morre e, conseqüentemente, Simão se sente mais isolado na Casa.

Nesse sentido, tal comportamento institui no conto uma relação com o conceito fantástico de Tzvetan Todorov (2012) no que diz respeito à identificação da hesitação, uma vez que este sentimento de dúvida é uma vertente da maioria das narrativas fantásticas.

Para Todorov:

O leitor não se identifica, pois, com qualquer personagem, e a hesitação não está no texto. Diremos que se trata, com esta regra de identificação, de uma condição facultativa do fantástico: este pode existir sem satisfazê-la; mas a maior parte das obras submete-se a ela (2012, p. 37)

O leitor do conto, à medida que desenvolve a leitura, encontra-se na dúvida se Simão é um homem, um lobo ou um indivíduo híbrido, uma vez que a personagem ora age como um animal ora como um homem.

Fato é que a única companhia para ele durante os dias são os lobos. Dentro da Casa, Simão aconchega-se na biblioteca e isola-se lá. Fora dela, incorpora os modos dos animais e às vezes convive com eles, até chega a dormir em cavernas com os mesmos:

Deitado, cabeça apoiada nas mãos, corpo encolhido, notei que eu não estava na cama, e sim deitado direto no chão, sobre a terra, as folhas e a pedra. Entendi que a moldura da paisagem que eu via não era a janela do meu quarto, mas a boca de uma caverna (Figueiredo, 2000, p. 46).

Simão parece, no decorrer do conto, tornar-se um lobo à medida que passa mais tempo com eles. A vida de Simão mudou a partir do momento que chegou à Casa, mas, principalmente, o seu comportamento se transformou a partir do momento que passou a interagir com os lobos.

Alguns trechos da narrativa evidenciam o comportamento híbrido da personagem.

A primeira apresentação de transformação é no processo de escrita do narrador, quando reclama da condição de seu trabalho, o que gera certa ambiguidade no texto, pois não se sabe ao certo se o narrador é propriamente um lobo e não consegue escrever direito ou se comporta como tal:

Para mim é difícil de escrever porque só tenho este caderno amarrotado e sempre úmido, apoiado na terra ou na pedra de superfície tão desigual. E para segurar a caneta só posso contar com os dentes e com o que me resta das mãos (Figueiredo, 2000, p. 25).

Esse trecho é o primeiro momento em que o narrador apresenta essa dificuldade em escrever, mas não foi a única vez que relata a dificuldade. Segundo o próprio narrador:

Para escrever, tudo é inimigo, obstáculo. Sempre que termino, é preciso abrir um buraco no chão, meter no fundo o caderno e a caneta e recobrir de terra e pedras. Disfarço depois com folhas secas por cima. Cada dia um local diferente. (Figueiredo, 2000, p. 28).

Esses momentos laborais de escritor configuram uma personagem que parece transitar entre dois mundos distintos. O mundo real e o da ficção, entre a realidade e o sobrenatural. Entre ser um homem e ser um lobo.

Esse fato se intensifica quando ele conhece Raquel, uma espeleóloga que fazia pesquisas nas cavernas próximas a região da Casa, e acaba se apaixonando pela garota.

Raquel, embora seja casada, investe na aventura com Simão porque ela se encantara com o conhecimento de lugares inóspitos e cavernas desconhecidas que Simão herdou de Gregório e do convívio com os lobos.

A aproximação de Raquel foi, para Simão, a grande novidade em sua vida, já que ele fora isolado pelos colegas na biblioteca, Gregório havia morrido e, como já citamos, a família de Simão parecia ter lhe abandonado quando criança. A Garota era o que ele tinha de mais precioso na Casa e, apenas com ela, conseguia se comunicar e compartilhar os seus segredos.

É interessante verificar que é com a chegada de Raquel na Casa que se intensifica o comportamento lupino de Simão. Tal comportamento, que supostamente era conhecido apenas de Gregório, agora é apresentado de maneira voluntária a Raquel, a qual chega a participar de uma visita aos animais acompanhada de Simão:

Os lobos diante de nós. Corri a boca na sua pele, um, dois centímetros. Respirei pelos seus poros. Descobri uma penugem macia na pele abaixo da orelha. Minha boca só resvalava, mal tocava Raquel [...] Um frescor, uma memória que ia evaporar com o meu calor. Senti um arrepio em Raquel, uma reviravolta na sua pele. Ela não se mexeu. Os lobos a poucos metros de nós. Cochichei, sem saber para quê:

- Olhe. Isso é um casal de lobos (Figueiredo, 2000, p. 28).

Além desse momento bem íntimo de Raquel, no qual Simão deixa claro que quer que ela “esqueça” das lembranças, de que é casada, para que se tornem um casal de lobos, ocorre ainda outro momento entre Raquel e Simão, que é de fato a relação sexual, quando Simão, ao final do ato rosna como um lobo, o que gera mais ambiguidade ainda no conto:

Raquel havia estendido uma toalha na margem para ela. Me levou até lá, ou foi o que me pareceu. Minhas mãos esmagaram folhas de capim. Acho que no fim rosnei feito um bicho, e depois dormi. (Figueiredo, 2000, p. 48).

Logo após a relação sexual com Raquel, Simão, descontrolado pelos múltiplos sentimentos que está vivendo após o ato, vai até a Casa e, de maneira abrupta, pega um pedaço de carne crua para comer.

Logo encontrei o que eu queria e não me importei que a carne estivesse crua. O contato gelado e mole na mão. Corri de volta para a Floresta, enquanto a ponta do pedaço de carne balançava com os movimentos do meu braço (Figueiredo, 2000, p. 48).

Era proibido o consumo de carnes na Casa, mas Estevão, ao perceber que estavam perdendo muitos turistas pelo fato de não haver carne para servir aos visitantes, resolve permitir o alimento com proteína animal. No entanto os moradores da Casa não poderiam consumi-la.

Simão não liga mais para o fato de estar na Casa, não se prende mais a questões religiosas como antes. Fato é que o narrador comporta-se como um lobo, um animal irracional que corre pela floresta com um pedaço de carne congelada na boca.

Contudo, o ápice do comportamento lupino de Simão dá-se no momento em que Raquel conta-lhe que não viria mais a Casa porque havia conseguido uma bolsa para terminar o doutorado fora do país. Nesse instante, Simão entende que voltaria ao seu estado de isolamento e abandono que vivia anteriormente.

É nesse momento que volta à tona o “velho” Simão, aquele que era impossível de lidar. O Simão mentiroso, que dizia desaforo até mesmo para os professores mais queridos.

Simão leva Raquel até uma caverna que era desconhecida, mas não para auxiliá-la nos estudos, mas para impedir que ela fosse embora.

A espeleóloga, embora experiente nesse ambiente, machuca-se ao prender o pé em uma rocha. Simão já sabia que isso ia acontecer, visto que conhecia a caverna e havia planejado tudo:

Ela era espeleóloga. Eu precisava de mais uma garantia, só o labirinto não bastava. Apaguei a minha lanterna, fingi que tinha havido mau contato. Pedi a Raquel que usasse sua lanterna para iluminar a minha, para eu ver qual era o defeito. Ela desviou a lanterna do chão, deu um passo mais afoito e sua perna afundou um palmo num buraco de pedra, conforme eu tinha previsto (FIGUEIREDO, 2009, p. 52-53).

Após o ferimento, Simão pediu para que ela ficasse na caverna, que ele buscaria ajuda, o que não se realizou de fato. Ele mente para Raquel a fim de que ela ficasse com ele e para que não contasse aos outros os segredos de seu comportamento lupino.

Novamente, instaura-se o sujeito híbrido que, embora consiga planejar racionalmente para que Raquel ficasse mais um tempo com ele, ou até mesmo mudasse de ideia e permanecesse na Casa, mostra-se um animal irracional, egoísta, que age como um lobo, como um animal acuado e levado pelas emoções.

O desfecho do conto torna-se surpreendente quando Simão deixa aflorar seu lado animal e não se importa com aquela que havia lhe dado atenção, a única pessoa com a qual ele havia conseguido se comunicar na Casa. Ferida, Raquel ainda tenta encontrar uma saída e acaba caindo de um paredão e batendo a cabeça. Não resiste aos ferimentos e morre ali.

3. Considerações finais

Rubens Figueiredo renova a sua escrita literária por meio da coletânea de contos de *O Livro dos Lobos*. De maneira fantástica, o autor consegue instaurar hesitação no

leitor por meio desse comportamento ambíguo do narrador-personagem, que é uma forma clássica de condução narrativa nesse modelo literário.

Simão sofre por sua identidade híbrida e, agora, no desfecho da narrativa, dentro da caverna junto ao corpo de Raquel, está isolado, apenas escutando o marido dela, Timóteo, e os colegas de Casa procurando-os pela mata. Novamente, Simão encontra-se sozinho, até mesmo os lobos não lhe fazem companhia no local “os lobos que estavam comigo e agora se foram também, assustados” (Figueiredo, 2009, p. 61).

O maior medo de Simão era ficar sozinho, visto que já sofrera com a solidão quando a família o abandonara, quando Gregório morreu e, agora, com a morte de Raquel. Simão não soube lidar com seu comportamento meio homem, meio animal e acaba sendo sujeito ativo de um assassinato.

É interessante verificar que toda a constituição de uma narrativa fantástica, segundo Irene Bessièrre, consiste em uma lógica e em uma temática que é surpreendente para o leitor. Segundo a autora, o texto fantástico:

Supõe uma lógica narrativa que é tanto formal quanto temática e que, surpreendente ou arbitrária para o leitor, reflete, sob o jogo aparente da invenção pura, as metamorfoses culturais da razão e do imaginário coletivo. A síntese não nasce aqui do inventário vasto e diverso dos textos, mas da organização, por contraste e por tensão, dos elementos e das implicações heterogêneas que fazem o atrativo do relato fantástico e sua unidade. (BESSIÈRE, 2009. p.186)

Nesse contexto, pois, torna-se muito evidente a natureza híbrida, entre lobo e homem, assumida por Simão. Por meio dessa interação é que foi possível que Rubens Figueiredo constituísse uma narrativa insólita em “Alguém dorme nas cavernas”, uma vez que esse jogo identitário do narrador-personagem causa hesitação no leitor e, esta, como já tratado anteriormente por meio do conceito de Todorov, é uma fonte para textos fantásticos.

É como se Simão fosse aos poucos se metamorfoseando em um lobo já que tem um convívio assíduo com estes animais. Na narrativa fantástica, portanto, a desconstrução da ordem criada no conto, próxima da realidade, é constituída por meio da dúvida, materializada pelo insólito.

4. Referências:

BESSIÈRE, Irène. “*O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha*”. Trad. de Biagio D’Angelo. Revista Fronteiraz, vol. 3, nº 3, Setembro/2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/traducao2.pdf>

FIGUEIREDO, Rubens. O livro dos lobos – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEREIRA, Marcelo de Souza. Fingidores em cena: a metaficção em Sérgio Sant’Anna e Rubens Figueiredo. 2013. 232f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

PINTO, Sílvia Regina. A performance do lobo. In: VALLADARES, Henrique do C.P (Org). Paisagens ficcionais: perspectivas entre o eu e o outro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica; Tradução Maria Clara Correa Castello – São Paulo: Perspectiva, 2012.